

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 6 n.ºs	N.º à entrega	34.º Anno — XXXIV Volume — N.º 1174	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	\$950	\$120	10 de Agosto de 1911	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados de seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		



O DESPERTAR

Escultura de Simões de Almeida (Sobrinho) adquirida pela Camara Municipal de Lisboa, para um dos jardins publicos

CHRONICA OCCIDENTAL

Sempre que o calor aperta — e como elle tem apertado nestes dias! — recrudescer o vicio do jogo, que muito principalmente se alastra pelas estancias de verão, pelas praias, por onde se reúne a gente rica e a que finge sel o, e procuram no jogo de azar o passatempo mais azado ás horas do descanso, que bem podiam passar sob a fresca sombra das mattas ou aspirando as brisas tonificantes do mar.

Recrudescer o jogo, recrudescer por toda a parte, descaradamente, assim o afirmaram alguns srs. deputados na Assembleia Constituinte, entre a discussão dos artigos da lei fundamental do Estado e as inter-pelações do azeite e da cortiça.

O sr. ministro do interior declara á Assembleia que já deu ordens

terminantes para se cohibir o abuso; mas o proprio sr. governador civil de Lisboa, deputado ás Constituintes, declara, tambem que é impossivel acabar com o jogo!..

A chronica é, tambem, desta opinião, porque além do jogo ser tudo nesta vida, em Portugal de ha muito que o jogo de azar tem fóros de legalidade, desde que existe uma loteria autorizada pelo Estado, que por todo o país e a toda a hora, de noite e de dia, tenta os ricos e os pobres até ao mais humilde proletario, que não hesita em tirar ao seu sustento o valor de um pão, para o empregar numa cautelinha que lhe sorri e promette fazel o rico... sem trabalhar.

Deste modo, como prohibir o jogo, como cohibir sequer a pratica deste vicio?

Ha aqui certamente erro de interpretação nesta moral hipocrita, só feita para uso externo, que afinal nem para esse uso serve!

Se o Estado em vez de autorisar as loterias, estabelecesse as caixas



O CAVADOR

Escultura de Costa Motta, adquirida pela Camara Municipal de Lisboa para um dos jardins publicos

economicas populares para deposito das mais insignificantes quantias, e fizesse deste principio economico uma propaganda tão insistente, como a que faz o comercio das loterias, então haveria em Portugal um verdadeiro incentivo moralizador a corrigir a imprevidencia do português e a sua ilimitada confiança no bamburrio.

De outro modo a moral não subsiste e até se agrava. A roleta ainda é preciso procural-a para nella arriscar um tostão; mas a loteria anda ali a meter-se á cara por toda a parte, a explorar as miseraveis migalhas do pobre.

Annunciam se projectos de regulamentação do jogo, já que é impossivel acabar com elle.

A chronica, tambem, vota pela regulamentação do jogo, mas ainda que isso pareça contraditorio, apresenta o seu voto pela eliminação da loteria.

A razão é simples; se não é possivel prohibir o jogo, é tambem preciso não o provocar.

Deixe-se a quem quer, a liberdade de voluntaria e irresistivelmente arriscar o seu dinheiro no azar dos numeros, mas para que essa liberdade tenha o limite de todas as liberdades, regularise-se o seu uso e faça-se pagar, como todos pagam, as regalias sociaes de que disfrutam.

Mais vale isso do que afinal jogar-se ahi por todos os antros, sem escrupulos sem selecção de jogadores, maiores ou menores, ricos ou pobres, dementes ou interditos, despejando o seu dinheiro nas roletas, e d'ahi auferindo livremente lucros os banqueiros, na maioria estrangeiros, que lá se vão embora com elles, findas as temporadas da maior jogatina, como em país conquistado.

Venha o regulamento do jogo e não se despreze um imposto pesado que se lance nesse vicio pela mesma razão que se lançou o imposto do tabaco, de que ninguem se queixa. Dê-se até de arrematação o monopolio do jogo, com muito mais razão do que o monopolio dos tabacos ou dos fosforos, que afinal são industrias honestas que exploradas livremente, tanto podia o Estado como o publico lucrar maiores vantagens.

Fóra disto é remar contra a maré, e a maré promete cada vez encher mais.

Muitos são hoje os economistas e estadistas que aceitam o jogo como materia collectavel e das de maiores resultados. A Belgica, país florentino e cuja administração é citada como modelo, não teve duvida de estabelecer o monopolio do jogo. Em outros países elle está regulado sem ser preciso citar Monte Carlo, que só do jogo vive, e muito bem, pois ali acodem por anno mais de quinhentos mil estrangeiros.

Portugal pretende abrir as suas portas ao Turismo, a essa multidão de estrangeiros que todos os annos se deslocam dos seus penates, em digressão por todos os pontos do mundo que melhores horas de goso, maiores distrações lhes offereçam, para passarem o seu tempo e gastarem o seu dinheiro.

Ora o nosso país, por ora, em pontos de bem estar, de distrações e bellas, pouco mais lhes pôde oferecer que o seu lindo ceu a cobrir não menos lindos quadros de ridente paisagem, o que não basta para attrahir estrangeiros, que andam em busca de bellas d'arte, de divertimentos, de novas impressões, costumados ás maiores comodidades luxuosas, que não hesitam pagar, e que independente de tudo isso ainda, a maior parte d'elles, gostam de jogar, com o que mais se divertem, a seu modo.

Como hão-de, porém, os Turistas procurar o nosso lindo Portugal só pelas bellas naturaes, se não encontram aqui as commodidades e luxos dos hotéis e casinos a que estão acostumados, se não lhes offerecem divertimentos, ou novas impressões agradaveis, não lhes permitindo, por fim, muito totalmente, que elles joguem á sua vontade, como lhes é permitido em outras partes por onde andam.

E' claro que fogem; não voltam e cá fica o lindo ceu e a linda paisagem ás moscas que não fogem e nos mordem.

Ora tudo isto se transformava como por encanto logo que se concedesse o monopolio do jogo. Não faltariam concorrentes a proporem se. Nacionaes ou estrangeiros seria indifferente para o caso, porque estrangeiros, afinal, aqui vem explorar o suposto prohibido jogo, sem o Estado nada lucrar com isso.

As empresas d'esse monopolio, dispondo de sufficientes capitaes, construiriam hotéis, casinos, casas de espectáculo á altura, e se encarregavam de fazer todo o reclame lá fóra a esta nova estancia de verão e até de inverno, que não tardaria a ser visitada pelos turistas, sempre em busca de novas impressões, e que então não fugiriam, pois encontravam quanto desejavam sob este mais lindo ceu do mundo.

As vantagens que d'aqui resultavam são facéis de calcular. Monaco, por exemplo, nos seu quatro palmos de terra recebe por anno meio milhão de forasteiros. Dado que essas estancias portuguezas de Caldas e de praias, de serras e montes como o Bussaco, Monchique, Foya, Cintra, Estoril, Bom Jesus e quantas mais, fossem visitadas pela decima parte d'aquelles forasteiros, despendendo cada um a media, assaz modesta de duzentos mil réis, teriamos no movimento do país um acrescimo de mais dez mil contos annuaes, sem que nisto entre o que elles despenderiam no jogo.

Ninguem, que saiba como estas coisas se passam lá fóra, poderá achar exagerados estes calculos e antes lhe parecerão bem modestos.

Uma tal somma impõe-se pela força dos algarismos. Eram mais dez mil contos vasados no commercio, e por ventura nos mezes em que elle fraqueja mais no país.

Era oiro, esse vil metal que está faltando, para fazer progredir e desenvolver muita actividade perdida ou mal empregada.

E tudo isto se resolvia, com uma simples lei que regulamentasse o jogo e lhe lançasse um imposto compensador, em proveito da assistencia publica, ficando assim moralizada, tanto quanto possivel, essa medida, e acabando com a exploração d'essa toleria pelintra que arranca ao povo muito das suas parcas economias quando lhes não leva o que elle precisa para pão, e que afinal não tira a ninguem o pé do lódo.

JOÃO PRUDENCIO.

Duas esculpturas

Na ultima exposição da Sociedade Nacional de Belas-Artes appareceram os modelos em gesso de duas estatuas dignas de nota, as quaes eram *O Cavador*, de Costa Motta, e *O Despertar*, de Simões de Almeida (Sobrinho).

Costa Motta de ha muito que evidenciou seus trabalhos de esculptor por uma serie de obras que tem vindo succedendo-se desde a sua primeira obra de vulto, o monumento a Affonso de Albuquerque, até á ultima estatua que fez de Joaquim Antonio de Aguiar, para o monumento a erguer em Coimbra. E neste decorrer de uma duzia de annos, que de trabalhos elle tem produzido de mais ou menos vulto, mas afirmando sempre a sua mestria, como, por exemplo, no primoroso *Menestrel*, de que numa das ultimas exposições de arte, se via um bem acabado bronze.

Simões de Almeida (Sobrinho) é ainda por assim dizer, um novo, que vae encetando sua carreira, mas que já deixa, apoz si, uma serie de obras que despertaram a attenção publica, em que a de mais vulto, porventura, é o magnifico busto de Barahona para o monumento que lhe erigiram em Evora, o que não quer dizer que não tenha produzido outras de maior valia artistica, como a deliciosa esculptura representando um rapazinho, num escorso bem realisado, de que não nos ocorre agora o titulo, e um esplendido busto, *O Piloto*. Os seus trabalhos de modelação de medalhas são dos mais distintos que neste tempo temos visto, de artistas nacionaes.

São destes dois artistas as estatuas que hoje reproduzimos em gravura e cuja apreciação foi feita no OCCIDENTE, quando aqui se tratou da ultima exposição a que acima nos referimos.

O Cavador, é uma esculptura que se filia na escola moderna como na antiga, pois se o assunto é de flagrante realismo, a execução é corretissima de esculptura classica.

O mesmo classicismo se observa na estatua de *Despertar*, de Simões de Almeida (Sobrinho), que bem pôde ser firmada por um mestre da estatuaria antiga, honrando tanto o artista como a escola em que estudou, superiormente dirigida pelo professor José Simões de Almeida Junior, do qual se distinguem as bellas esculpturas *Ignez de Castro*, o *Anjo da Victoria*, do monumento aos Restauradores, o *D. Sebastião*, a estatua do Duque da Terceira, e outras que não nos lembram de momento. Simões de Almeida (Sobrinho) é um bom discipulo de seu mestre.

Estas bellas estatuas não ficarão, felizmente, só nos modelos em gesso, pois a Camara Municipal de Lisboa as mandou executar, com destino a decorarem os jardins publicos.

Ainda bem que a municipalidade de Lisboa entrou neste caminho, aliaz seguido lá fóra pe-

las nações mais cultas, como incentivo á arte nacional, elemento poderoso de todas as civilizações.

Em França, como em outras nações, são importantes as somas que se despendem neste sentido, generosamente compensadas pelo progresso que dahi deriva, sendo um meio de excelente educação para o povo, estetica e historicamente.

A corroborar este asserto, agora mesmo encontramos, no *Diario de Noticias*, um artigo — *Anotações de Estetica Citadina*, do nosso presadissimo collaborador e amigo Ribeiro Christino, no qual se lê um periodo de que extratamos o seguinte:

«Realmente, é uma das melhores fórmulas de ensino de historia patria e de estetica a colocação de bustos e de estatuas de personagens illustres nos jardins ou passeios principaes das grandes cidades, — ideia que o atual Imperador da Alemanha iniciou para a Avenida das Tilias, de Berlim...»

Não ha duvida, pois, que a intelligente iniciativa da municipalidade de Lisboa em decorar com esculpturas de artistas nacionaes os jardins ou passeios publicos da cidade, merece, por todos os motivos, os maiores aplausos, e não seremos nós que lhos regatearemos.

Viagem de circumnavegação do cruzador «S. Gabriel»

(Continuado do numero antecedente)

Visita ás ilhas de Hawai

As ilhas de Hawai formam desde 1908 um territorio dos Estados Unidos. Não é provavel, apesar da sua importancia, que tão cedo passem a ser um Estado de União, por isso que sendo habitadas por uma grande variedade de raças, o Governo Central não quer deixar de nomear o Governador e ter o direito de revogar as leis votadas nas camaras, como a Constituição lhe permite fazer nos Territorios.

Foi-lhes dado pelo captain Cook o nome de Sandwich por ser primeiro Lord do Almirantado Lord Sandwich quando a ellas aportou pela primeira vez em 1778. Parece porém que estas ilhas já eram conhecidas dos hespanhoes, por isso que o celebre navegador inglez Anson encontrou a bordo d'um galeão aprisionado uma carta maritima com um archipelago situado approximadamente no logar d'este.

O territorio de Hawai está hoje a par dos países mais adiantados. Como meios de transporte existem vias ferreas, tramways electricos, só em Honolulu mais de 600 automoveis, carros tirados por cavallos, motociclettes e bicyclettes em abundancia. As estradas são boas e vae-se começar o emprego do petroleo para evitar o pó. Os telephones existem em quasi todas as habitações, e a estação central é automatica, dispensando os empregados ou empregadas como existem na Europa. Todas as ilhas estão ligadas pelo telegrapho sem fios, assim como os vapores que ali fazem escala, de modo que constantemente se está em communicações.

A pesca é exercida por barcos movidos a gazolina, que transportam em tanques especiaes peixe vivo e o morto em gelo. São todos tripulados por japonezes.

A cidade de Honolulu tem muito bons edificios e o hotel Young custou dois mil contos. E' considerado o mais comprido dos Estados Unidos.

No porto os navios carregam e descarregam com apparatus quasi automaticos, desconhecidos nos portos da Europa. O carregamento e a descarga do carvão são muito interessantes e bem executados por elevadores e comboios automaticos.

Toda a technica da fabricação do assucar está aqui muito bem estudada e vem gente de fóra aqui aprender. Fabricam se todos os machinismos para a industria do assucar, tendo já sido exportadas fabricas para a ilha Formosa. A produção de assucar regula por meio milhão de toneladas ao anno.

A instrucção é muito cuidada, as escolas são numerosas e os professores e professoras gosam d'uma grande consideração na sociedade. No anno de 1909 frequentavam as differentes escolas 3.500 alumnos de origem portugueza.

O serviço de abastecimento de agua a cargo do Governo é dependente de numerosos poços artesianos, cuja agua é elevada por poderosas bombas a vapor. Os esgotos são também elevados por bombas a vapor e conduzidos para o mar por uma longa canalisação que os leva longe do porto.

Logo que atracámos ao caes vieram a bordo o Consul de Portugal, Antonio de Sousa Canavarro, um official da parte do almirante Rees, a commissão de festejos pela chegada do *S. Gabriel* e muitos portuguezes.

Tive a noticia do fallecimento do Rei Eduardo VII de Inglaterra e recebi o telegramma de V. Ex.^a ordenando me que durante tres dias prestasse as honras funebres da ordenança, o que immediatamente mandei executar. Durante tres dias tivemos as bandeiras a meia adriça, a bandeira ingleza no mastro grande, e démos um tiro de quarto em quarto de hora. Pouco depois visitei o almirante Rees e de regresso a bordo tive uma conferencia com os directores da commissão de recepção, para alterar o programma, visto nos tres dias de luto não desejarmos tomar parte em qualquer festa. A's 8 horas da noite vieram visitar-me as senhoras da Colonia Portugueza.

No dia 11 de maio convidei a almoçar o Consul de Portugal, que em seguida me acompanhou nas visitas que fiz ao Governador do Territorio Walter F. Frear, ao Consul inglez Ralph G. E. Forster, a quem dei em nome do Governo Portuguez os sentimentos pela morte do Rei Eduardo, ao Consul do Japão S. Uyeno, ao Consul da China Liang Kwo Ying, ao bispo de Zeugna e ao Mayor da cidade M. Fern.

No palacio do Governo, antigo palacio real, fomos recebidos com uma banda tocando o hymno portuguez e pelo coronel J. W. Jones, Chefe de Estado Maior. A's 2 horas da tarde fomos em tres automoveis dar um passeio á bonita praia de Waikiki, visitar o interessantissimo aquario onde se vêem os mais variados e extraordinarios peixes, pescados n'estes mares pelos pescadores japonezes, seguimos até ao farol de Diamond Point e d'ali para os dois lindos pontos de vista, Punch bowl, sobre a cidade e Pali sobre o nordeste da ilha. Fui n'este dia convidado a jantar pelo Consul de Portugal no grande hotel Young.

Este hotel que custou dois mil contos foi mandado construir por Mr. Young, que assim prestou um grande serviço á sua cidade natal.

No dia 12 de maio fomos visitados pelo major Dunning, Commandante do regimento de infantaria, Antonio Parry, juiz de origem portugueza, e Clyde Davis, vice consul de Inglaterra. Acompanhado pelo Consul visitei o sr. S. M. Damon, director do Banco que tem prestado grandes ser-

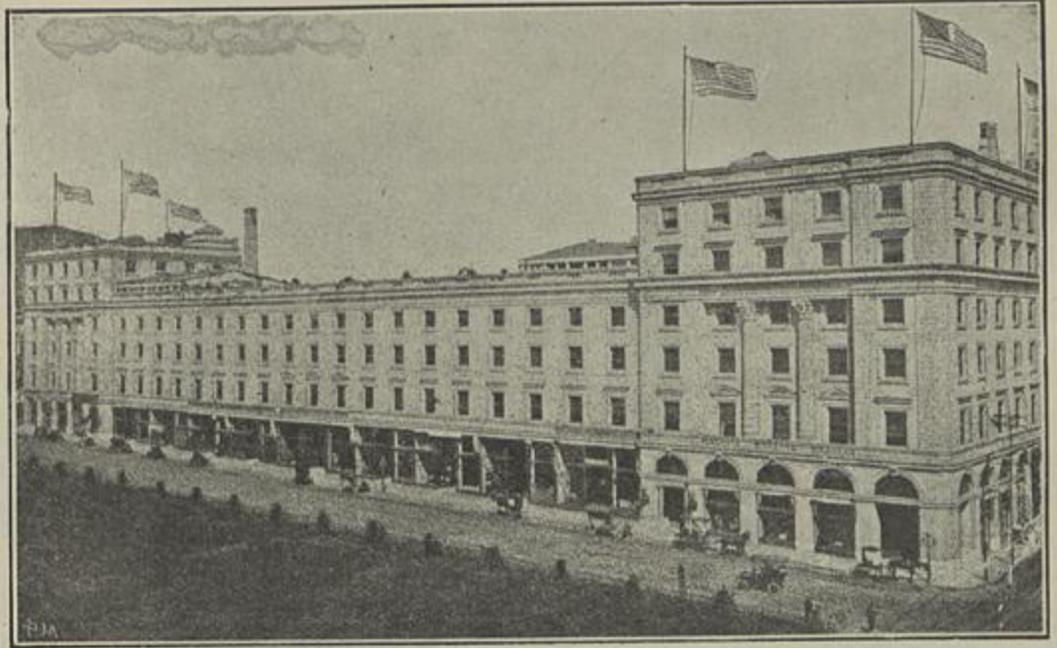
Aproveitando as circumstancias favoraveis que se dão n'este porto tenho todas as manhãs tomado banho no mar com os officiaes e aspirantes para lhes inculir o gosto pela natação.

Fui visitado na manhã de 13 pelos officiaes de artilharia Harry P. Wilbur e J. Timberlake pelo Consul da Allemanha W. Pfothenhauer, e Consul da Suecia Geo Rodick.

legio de S. Luiz; n'uma especie de grande sala de theatro esperavam nos centenas de alumnos de todas as raças.

Tocou a banda e orchestra e em seguida tive de ir, a pedido dos directores, ao palco falar aos alumnos em inglez e portuguez e proclamar feriado, que foi, creio, o que mais apreciaram.

Seguimos para a Royal School, enfeitada com



O HOTEL YOUNG DE HONOLULU, O MAIS COMPRIDO DOS ESTADOS UNIDOS

A's 11 horas fomos em tres automoveis com os membros da commissão visitar a Escola Kamehameha, sustentada com o legado d'uma princeza, e que tem o rendimento annual de 70 ou 80 contos. E' uma escola de artes e officios. Os alumnos trabalham seis horas por dia. Os que teem pratica nas officinas de tarde, teem theoria de manhã, e vice-versa.

Na occasião da nossa visita estavam tres companhias de alumnos fazendo um perfeito exercicio de infantaria sob a direcção d'um official do exercito americano.

Saindo d'esta escola fomos ao magnifico quartel de infantaria do forte Schafter. Que boa situação e que magnificas installações! As casas dos officiaes, todas de construcção apropriada

uma grande bandeira portugueza; assistimos a um simulacro de incendio, saindo da escola em poucos segundos os seus mil alumnos acompanhados pelas respectivas mestras. Estivemos depois na Normal School, para creanças e professoras. Alli vimos uma rapariga portugueza estudando para professora descrever na pedra, desenhando ao mesmo tempo, uma velha lenda de Hawaii. Visitámos a High School para raparigas e as aulas de tachygraphia e Typewrinting.

As alumnas que saem com boa applicação collocam se facilmente ganhando 75\$000 réis por mez.

No Museu passámos em revista as differentes salas onde existem importantes collecções de peixes e aves, e objectos relativos á civilisação Hawaiana, que muita afinidade tem com a das outras ilhas do Pacifico, Tahiti e Samoa.

Visitámos ainda n'este dia mais duas escolas: a Central Grammar School e a escola portugueza de Santo Antonio, a unica onde se ensina a nossa lingua.

N'esta escola tivemos uma sympathica recepção, cantando as alumnas o hymno e uns coros, tendo nas mãos umas pequenas bandeiras portuguezas e cordões de flores para collocar no pescoço dos officiaes do *S. Gabriel*, como cá é costume. Offereci a esta escola uma bandeira das que recebi da Liga Naval em Lisboa e alguns livros.

A's 8 horas da noite realizou-se na séde da Sociedade Lusitana uma recepção a que concorreram varias auctoridades americanas, a partir do Governador, e milhares de portuguezes, todos os quaes me foram apresentados, recepção que foi seguida d'um baile. As salas e os jardins estavam bem illuminados com lampadas electricas de côr.

(Continúa.)

A. PINTO BASTO.
Capitão de fragata



UMA RUA DE HONOLULU

viços á colonia portugueza, o Consul de Italia e o Lieut Commander Victor S. Houston, director dos faroes, que me offereceu umas cartas americanas das ilhas e interessantes informações nauticas.

Os tres clubs de Honolulu, *Commercial*, *Pacific* e *University*, offereceram-nos as suas salas e fizeram-nos socios honorarios.

ao clima, independentes e rodeadas de flores, são para fazer inveja a qualquer general do nosso exercito; as magnificas casernas teem casas de banho de tina, de chuva, lavatorios e lago para nadar; bilhares, jogo da bola e gabinete de leitura; além d'isto uma porção de terreno que podem aproveitar cultivando, ou creando animaes para si ou para vender. Do quartel fomos ao col-

Exposição da Sociedade de Belas-Artes do Porto

Já vimos um tanto tarde para falar da Exposição da Sociedade de Belas-Artes do Porto que, pelo mez das flores, das perfumadas rosas de maio, abriu suas portas ao publico. Outros assuntos também de momentosa actualidade, não permitiram que mais cedo esta revista se occupasse da bela exposição, que toda a imprensa portuense registrou com louvor, notando entretanto uma menor concorrência de obras, em relação ao anno passado.

A Exposição da Sociedade de Belas-Artes, do Porto



COMPONDO AS REDES
Quadro de Marques de Oliveira

Este facto, porém, não significa decadência se se atender, não á quantidade mas sim á qualidade das obras expostas, e para o confirmar bastará saber-se que entre os artistas portuenses mais reputados que concorreram á exposição, conta-se Marques de Oliveira, que andava um pouco afastado destes certamens.

Antes assim succeda porque mais vale pouco e bom do que muito e mau.

Um exemplo bem recente se observa nas ultimas exposições do *Salon*, em que a decadência vem afirmando-se de fórma desconsoladora ha annos a esta parte, a despeito da abundancia de obras e de expositores. Nota-se um esgotamento de imaginação, um septicismo doentio, a banalidade sem beleza, e a Arte é a essencia do belo, que sem elle não póde dominar os espiritos, caindo assim na indiferença do publico.

E' a que tem levado as teorias de mal entendidos realimos, de impressionistas e de novos processos de pintura com que se pretende, muita vez, disfarçar a ausencia de desenho, a falta de boa tecnica, etc.

Felizmente na exposição da Sociedade de Belas-Artes do Porto, ainda se pode vêr quadros de artistas já consagrados, como Marques de Oliveira, um mestre, João Ribeiro, Candido da Cunha, Antonio José da Costa, Acacio Lino, Carlos Reis, de Lisboa, a par de cultores devotados á Arte que são esperanças bem fundadas pelo talento que já revelam nos seus trabalhos.

Sentimos não poder apreciar detidamente as obras que figuraram nesta exposição, pelo simples motivo de a não termos visto. Conhecemos, porém, o valor dos principaes artistas que nella tomaram parte, como o publico os conhece tambem, e os elogios que a imprensa local fez ás suas obras é bastante para nesta revista se registrar mais uma exposição da Sociedade de Belas-Artes do Porto que assim vem afirmando sua vitalidade.

Com respeito a esses principaes artistas, por varias vezes se tem apreciado no OCCIDENTE a feição especial das suas obras, como a simplicidade e a verdade flagrante de Marques de Oliveira, o sentimento e poesia de Candido da Cunha, a naturalidade e beleza da pintura de flôres, de Antonio da Costa, a franca luz e colorido dos quadros de Acacio Lino, os primorosos retratos de João Ribeiro e assim de José Brito que tambem apresentou um grupo de retratos em um só quadro.

Muitas são as senhoras que concorreram a esta exposição, como D. Sofia de Sousa e D. Aurelia de Sousa, D. Olivia Barros Guimarães, D. Margarida Costa, Condessa de Alto Mearim, D. Maria Afflalo, D. Maria e D. Julia Cálem, D. Georgina Costa, D. Rita Costa, D. Adelaide Cruz, D. Albertina de Moraes, D. Julia Ribeiro da Silva, D. Maria Valente, D. Maria Ribeiro da Cruz, etc., o que bem mostra que a sublime arte da pintura encontra devotadas cultoras nas damas portuenses.

Em esculptura figuram na exposição trabalhos de Julio Vaz e D. Ada da Cunha, já conhecida de nossos leitores pelos trabalhos que expoz em anteriores exposições e que o OCCIDENTE reproduziu com a apreciação devida a uma esculptora distintissima.



Nas fronteiras Norte de Portugal

Não se falou noutra cousa por mais de um mez, que nas fronteiras norte de Portugal, como se o general hespanhol D. Vicente Gonzaga estivesse ás portas de Valença com os seus 30:000 homens, defendida a praça apenas por uns 200 soldados, que mesmo assim o repeliram, em 1657, pelo que diz a historia; ou, ainda, como se a velha praça militar, que foi berço do celebre general Conde das Antas, que nas Antas de Valença nasceu, se houvesse rendido como mais modernamente succedeu, em 1834, ás forças de Napier quando da guerra liberal.

Nada disto, nem coisa semelhante era, se bem que peor poderia ser. A fronteira portuguesa estava em paz, mas na fronteira de Espanha, ou melhor, da provincia de Galiza é que alguns portugueses conspiravam, refugiados em Tuy e em Orense procurando entrar em Portugal com gente assalariada e sob o plano de Couceiro, para uma contra-revolução.

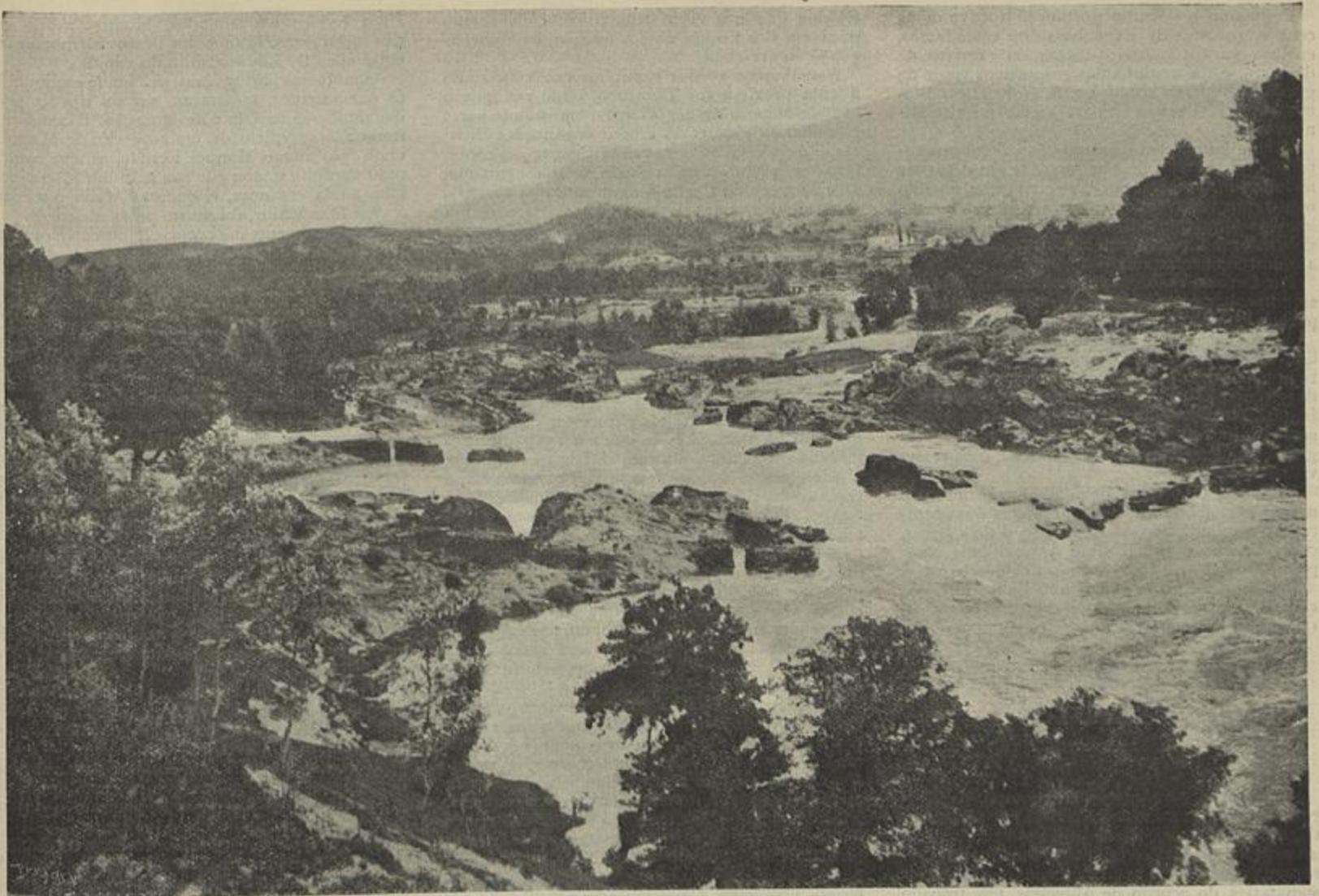
Este plano mais se confirmou com a apreensão, em Oreuse, de quatro wagons com armamento e munições, e logo depois o apresamento de um vapor alemão em aguas de Galiza com contrabando de guerra destinado aos conspiradores.

Isto era grave e as autoridades portuguesas da fronteira fizeram o toque de alarme, chamando para ali a atenção do governo, que não tardou em providenciar.

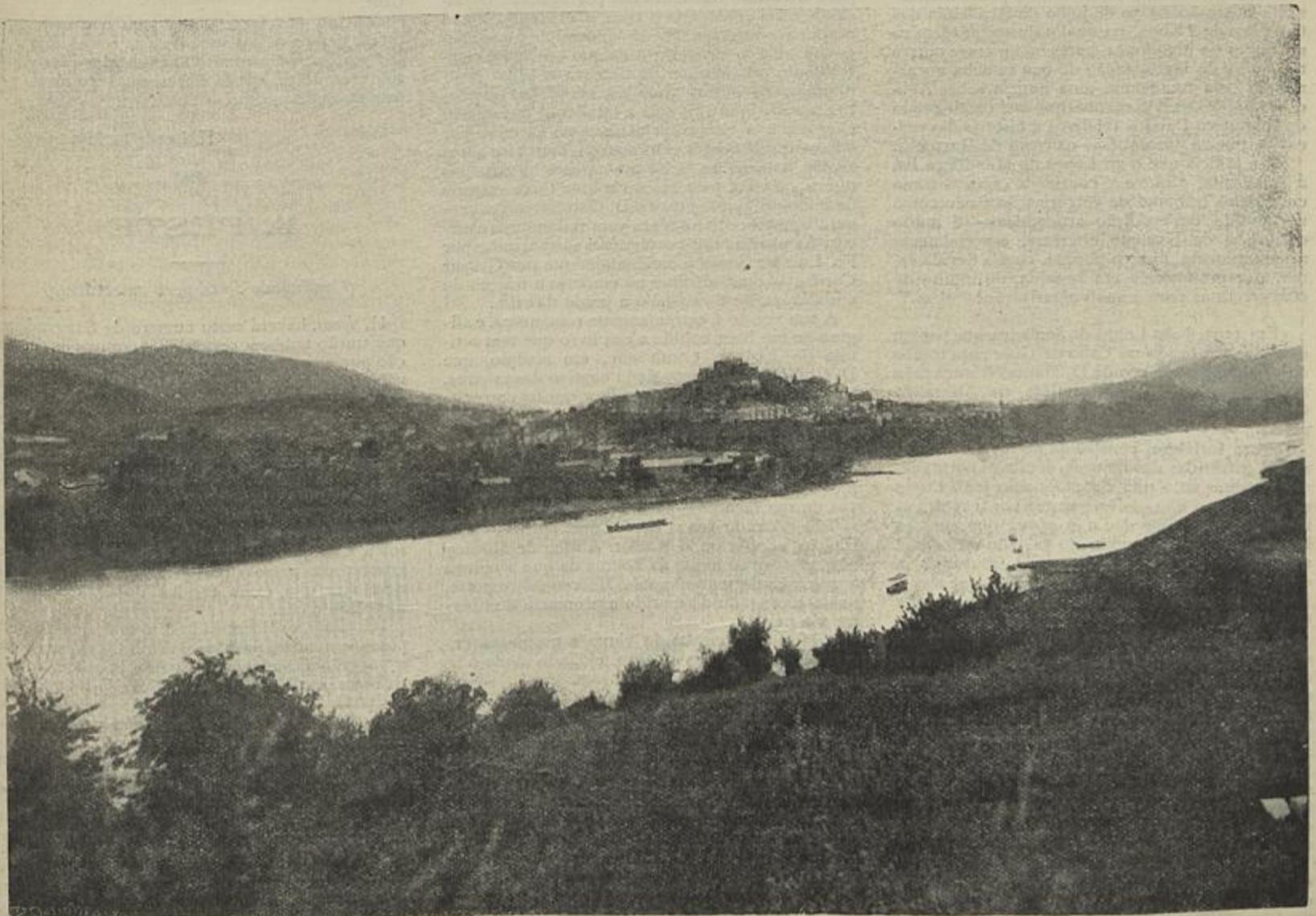


A COSINHA DE PRDREIRA (estudo de Sol)
Quadro de Acacio Lino

Nas Fronteiras Norte de Portugal



NO RIO MINHO — AS FRONTEIRAS DE GALIZA E DE PORTUGAL.



NO RIO MINHO — TUY, NA FRONTEIRA DE ESPANHA, VISTO DE VALENÇA, FRONTEIRA PORTUGUESA — *(Clichés da Mala da Europa)*

Emquanto o governo português trocava notas com o governo de Espanha sobre estes factos, enviava para a fronteira forças do exercito de terra, e da marinha nos respectivos vasos de guerra, em que se contava o *S. Gabriel* e o *Adamastor*, e canhoneiras para vigiar no rio Minho, etc.

O entusiasmo com que essas forças se apresentaram foi sintoma de boa vontade em defender as novas instituições, e mais se confirmou, quando o governo resolveu chamar as reservas e estas logo se apresentaram sem a menor relutancia, chegando muitos a quem não competia o serviço, a oferecerem-se espontaneamente.

Por fortuna, as forças militares não tiveram que se empenhar e nenhuma acção contra o inimigo, porque este não appareceu.

A apreensão dos armamentos na raia de Galiza e as providencias do governo espanhol, instado pelo governo português para mandar retirar das fronteiras os conspiradores portugueses, fez fracassar o plano de contra-revolução, e ao presente tudo voltou ao primeiro estado, tendo regressado as tropas aos seus quartéis, e os reservistas ás suas casas.

Sem que seja coisa liquidada, pois muitas e muitas pessoas estão presas, acusadas de conspirarem e aguardando o julgamento, é de esperar, contudo, que o país volte á normalidade completa, de que tanto precisa para se desenvolver.

Esta revista, como repositório da nossa historia, nada mais pretende que registrar os factos, resumidos na sua simplicidade e imparcialidade.



AGADIR

A, segundo parece, insolúvel questão de Marrocos, veiu agora dar actualidade á povoação fortificada de Agadir, desde que a Alemanha para ali mandou um navio de guerra com intenção reservada e sobre que as chancelarias das potencias signatarias do accordo de Algeciras, tem trocado notas diplomaticas, ainda não completamente esclarecidas.

Sobre este assunto foi de todo o ponto interessante a sessão de 30 de julho da Academia das Ciencias de Lisboa, na qual o illustre academico sr. Lopes de Mendonça, apresentou, entre outros trabalhos de investigação de que se acha encarregado pela Academia, uma noticia sobre Agadir, coligida dos documentos que está catalogando da Biblioteca Publica relativos á historia das praças de guerra portuguesas na costa de Marrocos.

Essa noticia que o sr. Lopes de Mendonça leu á Academia, e que elle considera «apenas como um ligeiro trabalho de vulgarisação e não como um estudo de erudição academica» — é muito curioso e de bastante interesse, especialmente neste momento, motivo porque, com a devida venia, o reproduzimos em seguida, no intuito de concorrermos para a sua vulgarisação:

«Em 1505, João Lopes de Sequeira, que parece estava estabelecido no Cabo de Guer para trafico de pescarias, alcançou de D. Manuel licença para a construcção de uma fortaleza, na Angra de Guadrubar ou de Narba, a lessueste do dito cabo.

A essa fortaleza, construída no meio de incensantes investidas dos mouros, deram os portugueses o nome de Santa Cruz. E como João Lopes de Sequeira a não pudesse sustentar por si contra as incursões inimigas, deu a a el-rei, que por isso lhe fez mercê. Em volta do castello se formou uma povoação christã, cercada de muralhas, a qual os mouros denominaram Agadir, que significa logar fortificado. Leão Africano chama-lhe Guertguessem.

A povoação foi se desenvolvendo, apesar da opinião de muitos entendidos, entre os quaes o duque de Bragança D. Jayme, que a julgavam sempre em perigo imminente, por se achar na ribeira do mar, senhoreada por um monte chamado o Pico, d'onde o inimigo, mais advertido e apercebido, poderia guerrear-a com vantagem. Existe, como indicio de que não se descurava o seu povoamento, um alvará de 18 de abril de 1516, pelo qual D. Manuel manda á villa de Santa Cruz do Cabo de Guer materias para construcção de trinta casas, armamentos e dinheiro.

Devia ser n'este tempo capitão da villa D. Francisco de Castro, o qual em 1517 veiu ao reino com licença a tratar de quaesquer negocios particulares ou officiaes. Aproveitou-se o Xerife da sua ausencia, para fazer uma incursão pelos ter-

riorios que nos eram tributarios, com damno para um dos xeques nossos amigos, cuja povoação ficou arrasada.

Assenhoreou-se dos caminhos que conduziã á villa proxima de Turocuco, onde residia um grande numero de negociantes, em grande parte castelhanos, genoveses e de outras nações christãs, e d'onde vinha para Santa Cruz muito cobre, ferro e prata. Mas, volvido á sua capitania, D. Francisco de Castro vingou-se d'esta affronta, cerca de tres annos depois, com o socorro de um cheque comarcão, apossando-se da villa, matando muitos dos seus moradores, e captivando a maior parte, em que entraram os negociantes christãos, que os habitantes de Santa Cruz quizessem pôr em almoeda. Informado d'este facto o rei de Portugal, mandou que um d'elles fosse ao reino para tratar, como delegados de todos, do seu resgate. Ignora-se o seguimento do negocio, mas é provavel que fossem libertados, mediante arazoada indemnisação.

Em frequentes assaltos parece ter decorrido o governo da villa. Sabe-se que em 1534 já estava investido da capitania um fidalgo castelhano. D. Gaterre de Mouroy, que servira na India como capitão de Goa, em tempo do governador Lopo Soares. Foi das suas mãos que se escoou o castello e a villa, apesar das façanhas realizadas para os suster. Accusa-o Fr. Luiz de Sousa de pouco experiente na guerra, e rememora o dito que vogava por occasião do cerco: que a defeza estava confiada a dois cegos, um que não via, e outro que nunca vira. Referia-se a pontuada satyrica a Manuel da Camara, que fôro em socorro da villa, por ser myope, e a Mouroy, pela falta que tinha do exercicio militar.

Parece todavia certo que o castelhano se não era um general consummado, mostrava zelo e prudencia no desempenho do seu cargo, requisitando para o reino ajudas e soccorros, na previsão de um ataque. Essas reclamações não eram attendidas como a imminencia do risco requeria. Effectivamente o Xerife, então senhor dos reinos de Terudante e Sus, reconheceu o valor strategico do Pico, ordenou a seu filho Muley Mamet que se apoderasse do monte e na sua encosta edificasse uma villa. Começou esta construcção em setembro de 1540. A fortaleza mourisca, a cavalleiro da nossa, enviava a seu salvo os pelouros para o recinto das muralhas portuguesas. Os assaltos eram constantes e rijos, e a resistencia não era menos valorosa. Foi só em dezembro que chegou á villa o primeiro e exiguo soccorro, commandado por Manuel da Camara, a quem já alludimos. As outras armadas, mandadas aperceber por D. João III, quiz a fatalidade que ou não chegassem a tempo ou arribassem ao reino por contrastes de ventos e tormentas. Duzentos a trezentos homens se achavam apenas dentro dos muros da villa, para resistir a uma força enorme de inimigos, que o proprio D. Guterre, talvez exageradamente, computa em cem mil mouros e turcos. As proezas dos portugueses são narradas por Fr. Luiz de Sousa e incidentalmente por Gaspar Corrêa, o qual attribue no emtanto a traição de um almoxarife do castello a perda da villa.

A sua versão é extremamente romanesca, e affigura-se-me bem cabida n'um livro que tem o titulo de *Lendas*. Conta elle, em resumo, que D. Guterre de Mouroy ficou captivo dos mouros, com uma filha sua, linda mulher que foi entregue ao xerife pelo almoxarife traidos. D'ella se enamorou o mouro, que a desposou e em tudo lhe satisfazia os desejos.

Tornou-se a castelhana uma especie de Esther, medianeira entre o poder de Assuero e os captivos da sua raça.

Tão honrado era o mouro que, aproveitada a traição, suppliciou o traidor. A filha de Mouroy não sobreviveu muito ás honras de que a cercou o apaixonado mussulmano. Morreu sobre parto, tendo alcançado do marido a promessa de libertar seu pae.

Cumpriu o angustiado viuvo a promessa, enchendo de presentes o sogro, e dando ainda a liberdade a muitos outros captivos.

Esta aventura sentimental pôde ser verdadeira. O que não me parece exacto é a traição do almoxarife. A ella não allude D. Guterre na carta transcripta por Fr. Luiz de Sousa, quando seria excellente justificação de catastrophe. Ao que elle se refere, sim, é ao pouco esforço dos homens das caravellas, que de noite desampararam cobardemente o porto.

Seja como fôr, em summa, a villa foi tomada pelos mouros, a 10 de março de 1541, depois de vinte e dois dias de combate, o que já representa uma heroica resistencia, dada a desproporção das forças e a vantagem da posição inimiga, e em vista do prejuizo que os mouros tiveram, que,

afóra feridos e queimados, Mouroy avalia em tres mil mortos. Muitos dos nossos ali morreram, entre elles D. Affonso, filho do capitão.

As mulheres portuguesas, pelejando e animando os combatentes, mostraram ser da rija tempera das mulheres de Diu e de Mazagão. E conta-se o tremendo sacrificio de um sapateiro de Mattosinhos, por nome Manuel Fernandes, que, vendo tudo perdido, matou por sua mão um filho e uma filha ainda creanças, e, querendo fazer o mesmo a uma filha maior, foi morto pelos mouros.

Incidentalmente me occorre, citar entre os mortos um Francisco Camões, que era decerto parente do grande epico.

Foi esta a primeira perda que os portugueses soffreram dos mouros nas praças de Africa, e por isso grande foi o sentimento de D. João III. Tentou ainda acudir-lhes, mas debalde. Nunca mais o Cabo de Guer caiu em mãos portuguesas. Em mãos de mouros foi a villa medrando, tornando-se um importante centro de commercio, onde se ajuntavam os arabes do deserto e os indigenas do Soldão a fim de exportarem para a Europa os ricos productos da região adjacente. Por isso lhe foi dado o nome de Bad el-Sudan, a porta do Soldão. Mais tarde porém, os imperadores de Marrocos, pouco confiados na lealdade dos seus habitantes, cerraram o porto.

Foi o sultão Sieli Mohammed que conquistou a villa, transportou para Mogador os negociantes que ali residiam e prohibiu todo o commercio com Agadir.

Renovada actualmente a nomeada de Agadir, em consequencia da incursão germanica, parece-me a proposito reunir n'esta succinta noticia os apontamentos que tinha recopilado sobre esta localidade, no que respeita ás suas relações com a historia portugueza. Se os allemães ali desbarcarem e julgarem util fortificar-se, é muito possivel que os seus canhões assentem sobre as dismanteladas muralhas que, á custa de prodigioso esforço, portugueses levantaram e sustentaram durante cerca de sete lustros.

Nunca é de mais lembrar estas tradições, que revelam a naturaes e extranhos a vitalidade da nossa raça e a ubigua expansão da nossa actividade nacional.

Panthera se chamava o navio em que o pavilhão do kaiser tremulou, na velha angra de Santa Cruz.

Concluo por fazer votos para que essa panthera, depois de pousar sobre as ruinas das nossas glorias, não arme d'ahi um repentino salto sobre os restos ainda florescentes do nosso patrimonio ultramarino.»

H. LOPES DE MENDONÇA.



A PESTE

(Continuado do numero antecedente)

II. *Item*, haverá certo numero de Sangradores que trarão tambem certo signal por que os conheção por esses, e não sangrarão, nem curarão senão os taes doentes por licença dos ditos Fysicos ou Cirurgiões e não conversarão com outras pessoas desempedidas, nem sahirão de suas casas senão a sangrar os ditos doentes, e terão as portas fechadas, e signaladas com o dito nº dos Medicos e Sangradores, e não deixarão sahir de suas casas algumas pessoas que com elle estiverem, nem entrarem outras de fóra, e serão obrigados por juramento que lhe terão dado, e cada manhã dêem rol á Cabeça da Saude da Freguesia, onde sangrarem das pessoas que souberem, ou á sua noticia vier que estão feridas do dito mal, ou morrerão d'elle.

III. *Item*, os doentes do dito mal, que tiverem posse, e maneira para serem curados em sua casa, o poderão fazer com licença do Provedor mór e terão na sua porta, ou na parede d'ella, o signal que a Cidade ordenar que se tenha; sendo as casas commodas para estarem fechadas, estarão assim sempre e não sahirá pessoa para fóra, nem entrará dentro enquanto a casa estiver impedida, senão o Fysico, Cirurgião, e Sangradores, para isso deputados, e o necessario se lhes porá á porta onde se receberá, ou se dará por a janella com muito resguardo, e as casas terreas, e de pessoas pobres que não poderem estar fechadas sem perigo, estarão abertas de dia, e da banda da rua, além do signal sobredito, se pregará uma aspa de páo, para que seja mais notorio o impedimento, e menos perigoso aos de fóra, e menos molesto aos doentes e pessoas de casa.

IV. *Item*, os cabeças das Freguezias, cada hum na sua dará juramento a tres visinhos mais chegados da sua casa impedida, que tenham cuidado se alguma pessoa das taes casas impedidas sahe fóra, ou de fóra entrará dentro, e vendo, ouvindo á sua noticia lhe denuncie secretamente ou ao Provedor mór, e assim darão juramento em cada rua da sua Freguezia a algumas pessoas de confiança que lhe digão secretamente onde houver algum doente do mal ou impedido.

V. *Item*, os doentes ou impedidos que não tiverem posse, ou comodidade para estarem em suas casas, ou alheias serão levadas á Casa da Saude com licença do Provedor mór por seu pé se poderem, e senão por os Ministros para isso deputados, e irá em companhia d'elles e virá com os ditos Ministros quando vierem ou tornarem. S. O. Merinho de Saude para que vão ou venhão por as ruas que devem ir, e não façam o que não devem.

VI. *Item*, quando se levarem, ou forem os taes doentes, ou impedidos, levarão consigo a cama em que estiverem, e fato que trazião, ou se queimarão as taes cousas sendo perigosas e de pouca valia, e os que foram levados vivos ou mortos sejam levados a casa, ou a enterrar se boamente se poder fazer de noite, ou ante-manhã não succedendo casa em que pareça necessario, ou honesto levarem-se de dia com licença do Provedor mór.

VII. *Item*, os Merinhos da Saude, e seus homens trarão o signal que a Cidade ordenar, para que sejam conhecidos, e serão muito diligentes em acompanhar os ditos Ministros, e não permitirão que andem sem elles, e farão as mais diligencias que lhe o Provedor-mór ou os outros Provedores mandarem por bem da Saude, e não levarão cousa alguma das partes por as diligencias que fizerem, se não forem mandadas fazer por culpa das ditas partes e em pena d'ellas, porque em tal caso poderão levar o que a cidade houver por bem, e ordenar.

VIII. *Item*, os Ministros dos esquifes andarão vestidos de Bocaxim da côr que a Cidade parecer, para que sejam conhecidos, e andarão em corpo sem alguma arma, nem faca, nem terão alguma arma em casa em que estiverem, e estarão sempre bem fechados, e seguros para que não possam sahir fóra senão com os ditos Merinhos a fazer o seu officio.

IX. *Item*, os Coveiros farão para os falecidos do mal as cóvas mais altas dois palmos que as ordinarias, e por o trabalho que nisso mais levão se lhe pagarão mais pro-rata, e serão avisados que não se cheguem aos taes mortos até que não sejam bem cobertos de terra por os Ministros dos esquifes.

X. *Item*, o Comprador das cousas necessarias á saude terá hum livro de receita e despeza, assignado e numerado pelo Provedor-mór segundo fórma da Ordenação, e tudo o que se comprar será perante hum dos Almotacés das execuções para isso deputado por a cidade, e o seu Escrivão lançará no dito livro cada dia em presença do dito Almotacé, e Comprador por termo quantia, mez e anno cada cousa que se comprar, e o preço d'ella, e os ditos termos serão assignados por Almotacé e Comprador, e os Guardas da Casa da Saude a que se primeiro entreguem as ditas cousas e o Padre da Companhia que as receber passará a Certidão como lhe forão entregues, e por as taes Certidões se levará em conta a despeza, e não de outra maneira.

XI. *Item*, na Casa da Saude haverá hum livro assignado e numerado pelo Provedor-mór, como dito he, no qual se escreverão as entradas e saídas dos Ministros da dita Casa, e doentes, e cousas que consigo levarem, e cada doente se escreverá no dito livro assim como entrar por termo que declare o nome, idade, e donde he assim as cousas que consigo levar, e assim se escreverá sua hida, e dos Ministros, e dia d'ella ao pé dos termos que se d'isso farão, e escreverá neste livro as sobreditas cousas o Fysico ou Cirurgião que para isso for eleito por o Provedor-mór da Saude, e serão assignados os termos dos dias em que entrarem os ditos Ministros, e doentes, e as ditas cousas por o Padre que tiver cuidado de recadallas que se não furtarem, ou maltraquem.

XII. *Item*, porque se bem entendido que do fato contagioso succede grande damno á Republica não ser queimado, ou purificado como deve, d'aqui avante o tal fato, sendo de preço, e parecendo que seguramente se póde purificar será levado ao mar primeiramente onde estará em molho por o menos quatro horas, e depois de bem lavado, e molhado se tornará outra vez a lavar muito bem em agua doce, e será enxuto ao Sol, em logar alto que o regue, e depois de enxuto se entregará a huma pessoa que o leve a

casa dos convalescentes, onde haverá huma casa despedida na qual o metterá o guarda d'ella emquanto se não mandar tirar para outra parte, ou assolhar na dita casa, ou em outra parte despedida, e d'alli se dará a quem o Provedor-mór da Saude o mandar que se dê, e este fato quando se entregar da Casa da Saude, será por hum rol do Padre que d'elle tiver cuidado, e será dado aos Guardas da dita Casa, os quaes lhe darão Certidão de como o receberam, e no dito rol se declararão os nomes das pessoas cujo o dito fato he ou for.

XIII. *Item*, e para se as lavadeiras da Casa da Saude se não misturarem com outra gente, nem o fato, ou roupa que forem lavar se misture com outro despedido, irá hum guarda para isse escolhido, especialmente pessoa de muita confiança que veja; e fazer que o dito fato seja bem purificado como dito he, e se não misture com outra roupa, nem a roupa dos impedidos, nem as lavadeiras comuniquem com outras pessoas despedidas, nem lavem fóra do logar limitado, e o dito guarda, dará Certidão aos guardas da Saude da roupa que as ditas lavadeiras levão para purificar, e depois de feita a purificação a irá entregar ao guarda dos convalescentes, e receberá d'elle Certidão de como lha entregou, e será muito avisado que se afaste donde estiverem as ditas lavadeiras, ou o dito fato antes de se purificar, e não consentirá que ellas o toquem depois de o lavarem a entregar.

XIV. *Item*, as ditas lavadeiras terão o signal onde, e qual a Cidade ordenar, para que sejam conhecidas, e se afaste a gente d'ellas, o dito guarda as irá acompanhando á hida, e á vinda, afastado, e contra vento, e da mesma maneira estará emquanto ellas fizerem seu officio.

XV. *Item*, o mancebo ou moço que carretar a roupa, e fato da Casa da Saude, mostrará para ser conhecido hum signal, e vestido que a Cidade mandar, e não communicará com alguma pessoa despedida.

XVI. *Item*, e visto por mim o Regimento acima escripto, que os Vereadores e Officiaes da Camera da dita Cidade de Lisboa por meu mandato fizerão, acerca do provimento da saude, e cura dos enfermos do dito mal de peste. Hei por bem, e mando que o dito Regimento se cumpra, e guarde inteiramente como se nelle contem, e que o Provedor-mór da saude da dita Cidade de Lisboa com os Vereadores, e officiaes da Camera d'ella, o dem, e façam dar com effeito á devida execução com as penas que lhe bem parecer, assim crimes, como civeis, sem d'ellas receberem appelação, nem agravo, porque assim o hei por bem, posto que este Alvará não seja passado por a Chancellaria sem embargo da Ordenação em contrario. = Pedro de Seixas o fez em Almeirim a 29 dias do mez de Janeiro de 1680 = João de Seixas o fez escrever. = Rei.

No principio do seculo 18.º ninguem falava já de peste, mas em 1720 Marselha é atacada bruscamente pelo terrivel mal levado por um navio, o *Grande Santo Antonio*, vindo da Syria. Chegou a 1:000 o numero de obitos por dia. Só no fim de dous annos é que terminou a epidemia.

(Continúa.)

S. A.



A casa submarina

por

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1173)

«Quando ha três horas transportei para aqui o cadaver do pobre marinheiro, e fiz com que levassem a joven que salvei na ilha, a mão de Ruth Bellenden foi a primeira que tocou a minha, e as suas palavras as primeiras tambem que penetraram nos meus ouvidos. Pareceu-me uma musica celestial, a sua voz, quando perguntou por mim anciosamente como se eu fóra a pessoa mais querida que occupava o seu pensamento, e ante essas palavras, tudo me desapareceu da imaginação; até a propria ilha, não me ficando vestígios do tempo passado e só pensando na unica esperança da minha vida futura.

— «Jasper — disse ella cheia de commoção ao vêr-me saltar para a rocha, — não foi o

senhor que ficou ferido! — Oh, Jasper! ainda bem!...

«Saltei da lancha e prendendo a sua mão na minha, puxei-a para mim. Depois, temeroso, abandonei essa mão que me escaldava o sangue, e repliquei-lhe:

— «Não, miss Ruth, não fui eu. Foi este infeliz. Mas que direito tenho eu de valer mais do que elle? Cumpru o seu dever, miss, e agora, ajude-me a cumprir o meu.

«Voltou-se para o outro lado e poz-se a disfarçar, olhando para o *yacht* que continuava disparando a sua artilharia ferindo com os seus projecteis o innocente mar. Fundos pensamentos estavam no seu cerebro, com certeza; um tormento de duvidas, de esperanças e de impaciencias. E eu... eu observava-a como se todo o meu ser estivesse nas suas mãos.

— «Não me póde prohibir que me regosije, Jasper — tornou d'ali a momentos. — Creio que me tem dado motivos para isso. Vi-o na praia, e o meu coração seguia-o, contando os minutos que ali esteve. «Não voltará, pensava eu, está já dormindo o terrivel somno.» Mas depois ouvi-lhe a voz. «E' a voz de Jasper.» Vi-o de pé, na lancha, mas era tudo trevas... Nem sempre haverá trevas, Jasper, o sol ha de brilhar alguma vez.

«E agarrando-me novamente a mão, levou-a á face. Olvidei então tudo de repente: o sitio em que nos achavamos, o mar e os homens, a longiqua praia e a ilha, a noite anterior e o amanhecer que se approximava, e, lembrando-me só de Ruth Bellender que estava a meu lado, divaguei então pelo reino dos sonhos, dizendo:

— «Assim seja sempre!...»

«Segunda-feira, ás seis da manhã. — Não pude dormir e vim render a sentinella. Clair-de-Lune está commigo; tudo é socego na casa submarina, onde alguns dormem e outros procuram fazel-o mas não pódem. De todos que falam sobre o nosso futuro, ninguem o faz tão acertadamente como o ve. ho francez. Perguntei-lhe quando acabaria a época do somno e voltaria a do sol. Meneou a cabeça e encolheu os hombros.

— «Deus queira que não seja tão depressa — disse elle. — Se tal succede, os piratas virão a terra, e desgraçados de nós... Peça a Deus que tal não permitta. Mas... e depois? Diz o capitão que virá um navio recebê-lo? Não julgo que assim seja. Quando esse navio chegar, os bandidos terão maneira de o fazer naufragar, de o queimar e de o roubar, verá!... Tomam-lhe o barco, e o senhor morrerá de fome. Ah, monsieur, peça a Deus que não mande a época do sol!...

«Encostei-me a uma rocha scismando no que o velho dizia, e de mim para mim, achei que elle tinha razão. Se a neve se desfazia na ilha, se os bosques despertavam e tudo voltava á vida activa, que seria de nós?

— «E' uma situação terrivel — respondi. — E só Deus sabe quando terá fim. Não ha duvida de que aconteceu alguma coisa de extraordinario a Mr. Jacob e ao barco. Clair-de-Lune. O *Cruzeiro do Sul* está encravado nas rochas, póde ter a certeza d'isso, e com elle perderam-se uns bons marinheiros. Mas supponha que não é assim, e que algum barco os recolheu e os levou até á costa americana. Que succederá então? Onde encontrar dinheiro para fretar outro? Não pensemos n'isso!... Temos provisões para três semanas e os condensadores lá em baixo fornecer-nos-hão a agua. Mas antes de três semanas veremos os resultados, meu amigo. Se nós morrermos de fome, succederá outro tanto aos outros, áquelles que estão ali, nas lanchas de Czerny.

Nas Fronteiras Norte de Portugal



«Elle dá-lhes provisões hoje, mas quanto tempo poderão viver assim desabrigados no mar? O seu censo commum, meu amigo, ha de lhes dizer, que esta situação não poderá durar muito tempo e que a questão com Czerny tem de se solver depressa. Sim, Clair-de-Lune, escutaremos com os ouvidos bem abertos, quando começar essa discussão.

«Clair-de-Lune tinha um oculo na mão e com elle começou a observar o yacht e os botes que o rodeavam. Eu nada tinha visto de particular, mas elle fez-m'o notar e tirando deducções do que via.

— «Estão fornecendo armas aos bandidos, capitão, e tambem vejo o amo. Passam as armas de mão em mão. Lá lhe dão pão e comestiveis. E' o almoço, naturalmente, e depois veem aqui, capitão. Que outra coisa poderá esperar? Não pôdem ficar ali sempre. São demasiado orgulhosas para isso. Nós somos poucos e fracos, elles muitos e fortes. Porque não hão de elles assaltar a casa? Alguns morrerão, é verdade, mas ficarão outros. Elles bem sabem que todos os seus haveres estão aqui encerrados. Porque não hão de vir, capitão?

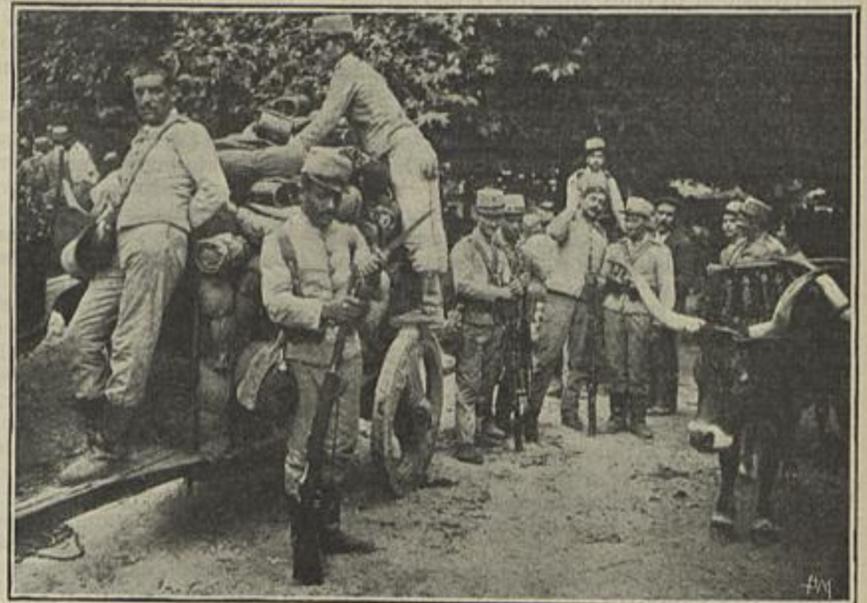
«Com o oculo, via perfeitamente as coisas que Clair-de Lune me ia apontando. Via, por exemplo, passar as armas de uma lancha para outra, e apesar de não haver sol que fizesse reflectir os canos das espingardas, podia comtudo distinguil-as. Via

as machadinhas de abordagem passando tambem de mão em mão e de bote em bote. Contei cincoenta homens mas com certeza havia mais. O que aquillo significava, qualquer creança o podia dizer. Haviam estabelecido treguas com o amo, com o desejo unico de apoderarem-se da casa submarina. O ataque definitivo ia agora realizar-se.

— «Clair-de-Lune — disse por ultimo. — Não tardará muito que cheguemos ao fim. Estamos luctando com um homem extraordinario, e não é de crer que se vá embora e nos deixe, sem nos dar um golpe de mestre, Tem talento, isso tem. Quem, a não ser elle, seria capaz de descobrir este logar, para viver como um abutre... humano, alimentando-se de naufragios? Tem havido no mundo muitos Edmundos Czernys, mas este é o mais notavel d'elles todos. Vamos combater com um homem, como não se encontra outro entre um milhão d'elles, e muito teremos de lutar para o vencermos, mas havemos de o vencer, companheiro amigo. Veremos como acabará a peleja.

(Continúa.)

RICARDO DE SOUZA.



BIVAUQUE DE TROPAS PORTUGUEAS EM CALDELLAS

(Fotografias do sr. C. Moitinho de Almeida)

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca



Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Contos e Digressões POR CAETANO ALBERTO

Um elegante volume de 224 paginas, profusamente illustrado com desenhos de A. Banzalho e C. Alberto contendo:

O segredo de Clotilde — Na Montanha — Devorado pelas feras — Uma visita a Castello de Vide — Historia de umas calças — Uma festa agricola em Elvas

Cartonagem em relevo, ouro e côres, completa novidade, preço 500 réis

A' venda nas principaes livrarias e na EMPREZA DO OCCIDENTE

Poço Novo — LISBOA

Vierling & C.^a

Abriram o seu estabelecimento

104, Rua dos Capellistas, 106
17, Rua Augusta, 19

Negociam em Cambios, Papeis de Credito, Coupons, Ordens de Bolsa e Loterias.

Telephone. 2873

Endereço. Fundos.

PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS

Vinho Nutritivo de Carne de Pedro Franco & C.^a, Lisboa. Unico legalmente auctorisado pelos governos e auctoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições. Centenaes dos principaes medicos garantem a sua effiacia na *debilidade*, na *pobreza do sangue* (anemia), na *convalescença de todas as doencas* e sempre que é preciso *levantar as forças*. E' muito usado ao *lunch* e ao *toast* pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que tem excesso de trabalho intellectual ou physico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A' venda nas pharmacias.

Capas para a encadernação dos volumes do «OCCI- DENTE»

Em percalina com letras a ouro,
encadernação de luxo

Ha capas para todos os annos,
eguaes na cor para colleccões.

Capa 800 réis
Capa e encadernação 1\$200